CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES:

SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
CHRISTIAN STARLIGHT FRANCO TREJO
(ORGANIZADORES)

VOL VI

EDITORA ARTEMIS
2026

CIÊNCIAS SOCIALMENTE APLICÁVEIS E HUMANIDADES:

SABERES, PRÁTICAS E HORIZONTES DE INVESTIGAÇÃO

JESÚS RIVAS GUTIÉRREZ
CHRISTIAN STARLIGHT FRANCO TREJO
(ORGANIZADORES)

VOL VI

EDITORA ARTEMIS
2026

2026 *by Editora Artemis*
Copyright © Editora Artemis
Copyright do Texto © 2026 Os autores
Copyright da Edição © 2026 Editora Artemis

O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M.ª Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M.ª Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. Dr. Jesús Rivas Gutiérrez
	Profª Drª Christian Starlight Franco Trejo
Imagem da Capa	gropgrop/123RF
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.ª Dr.ª Ada Esther Portero Ricol, Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría", Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof. Dr. Agustín Olmos Cruz, Universidad Autónoma del Estado de México, México
Profª Drª Alda Rocío Ortiz Muñiz, Universidad Autónoma Metropolitana, México
Prof.ª Dr.ª Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Prof.ª Dr.ª Ana Clara Monteverde, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Prof.ª Dr.ª Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, Universidad Nacional del Altiplano, Peru
Prof.ª Dr.ª Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil
Prof.ª Dr.ª Begoña Blandón González, Universidad de Sevilla, Espanha
Prof.ª Dr.ª Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Cirila Cervera Delgado, Universidad de Guanajuato, México
Prof.ª Dr.ª Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof.ª Dr.ª Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF, Brasil
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil
Dr. Cristo Ernesto Yáñez León – New Jersey Institute of Technology, Newark, NJ, Estados Unidos

EDITORA ARTEMIS 2026

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof. Dr. David García-Martul, Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha
Prof.ª Dr.ª Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará, Brasil
Prof.ª Dr.ª Edith Luévano-Hipólito, Universidad Autónoma de Nuevo León, México
Prof.ª Dr.ª Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil
Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, Universidad de Salamanca, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, Universidad de la República, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, Universidad de Guadalajara, México
Prof. Dr. Fernando Hitt, Université du Québec à Montréal, Canadá
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, Universitat de Barcelona, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof.ª Dr.ª Galina Gumovskaya – Higher School of Economics, Moscow, Russia
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, Universidad Nacional de San Luis, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnido da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, Universidad Nacional de Catamarca, Argentina
Prof. Dr. Guillermo Julián González-Pérez, Universidad de Guadalajara, México
Prof. Dr. Håkan Karlsson, University of Gothenburg, Suécia
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, Universidad de Piura, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, Universidad del Bío-Bío, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, Universidad Politécnica de Madrid, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México
Prof. Dr. Juan Porras Pulido, Universidad Nacional Autónoma de México, México



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, Universidad Pablo de Olavide, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, Universidad Pablo de Olavide, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, Universidad Santiago de Compostela, Espanha
Prof. Dr. Manuel Simões, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Portugal
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, Universidad de Granada, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Alejandra Arecco, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, Universitat Jaume I, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria da Luz Vale Dias – Universidade de Coimbra, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª MªGraça Pereira, Universidade do Minho, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria Gracinda Carvalho Teixeira, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª María Guadalupe Vega-López, Universidad de Guadalajara, México
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maritza González Moreno, Universidad Tecnológica de La Habana, Cuba
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof. Dr. Melchor Gómez Pérez, Universidad del Pais Vasco, Espanha
Prof.ª Dr.ª Ninfa María Rosas-García, Centro de Biotecnología Genómica-Instituto Politécnico Nacional, México
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Silvia Inés del Valle Navarro, Universidad Nacional de Catamarca, Argentina
Prof.ª Dr.ª Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN)- USP, Brasil
Prof.ª Dr.ª Stanislava Kashtanova, Saint Petersburg State University, Russia
Prof.ª Dr.ª Susana Álvarez Otero – Universidad de Oviedo, Espanha
Prof.ª Dr.ª Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal



Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

Prof.ª Dr.ª Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia
Prof. Dr. Xosé Somoza Medina, Universidad de León, Espanha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C569 Ciências Socialmente Aplicáveis e Humanidades [livro eletrônico] : Saberes, Práticas e Horizontes de Investigação VI / Organizadores Jesús Rivas Gutiérrez, Christian Starlight Franco Trejo. – 1. ed. – Curitiba, PR: Editora Artemis, 2026.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Edição bilíngue.
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-82858-27-7
DOI 10.37572/EdArt_280926277

1. Ciências sociais. 2. Humanidades. I. Rivas Gutiérrez, Jesús. II. Franco Trejo, Christian Starlight

CDD 300

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

EDITORA ARTEMIS
2026

Editora Artemis
Curitiba-PR Brasil
www.editoraartemis.com.br
e-mail:publicar@editoraartemis.com.br

PRÓLOGO

Las Ciencias Socialmente Aplicadas y las Humanidades constituyen campos privilegiados para la comprensión de las relaciones que se establecen entre sociedades, territorios, instituciones, culturas y sujetos. Al reunir diferentes perspectivas teóricas y metodológicas, permiten observar los fenómenos contemporáneos en múltiples escalas, desde grandes disputas geopolíticas y procesos de desarrollo territorial hasta experiencias particulares de vulnerabilidad, formación humana y producción cultural.

El sexto volumen de ***Ciências Socialmente Aplicáveis e Humanidades: Saberes, Práticas e Horizontes de Investigação*** reúne dieciséis capítulos organizados en cuatro ejes temáticos: **Geopolítica, Territorio y Desarrollo Sostenible; Derechos, Género, Vulnerabilidad y Relaciones Sociales; Formación Humana, Ciencia y Responsabilidad Social; y Cultura, Historia e Interpretación del Conocimiento.** Esta estructura propone un recorrido que parte de cuestiones de alcance internacional y territorial y, progresivamente, dirige la mirada hacia las relaciones sociales, los sujetos y las formas mediante las cuales el conocimiento y la cultura son construidos, transmitidos e interpretados.

El primer eje aborda temas relacionados con la gestión y disputa de recursos estratégicos, la soberanía, el comercio internacional, la sostenibilidad urbana, la seguridad alimentaria, el desarrollo socioeconómico y la participación comunitaria. En diferentes contextos geográficos, los estudios evidencian cómo las cuestiones ambientales, económicas y políticas se articulan con la organización de los territorios y con las posibilidades de desarrollo sostenible.

El segundo eje aproxima el análisis a las relaciones sociales y a los desafíos vinculados con los derechos humanos, las desigualdades de género y las situaciones de vulnerabilidad. La violencia, la discriminación, la maternidad y la paternidad, el acceso a la justicia y la convivencia escolar son abordados desde perspectivas que ponen de relieve las tensiones presentes en las relaciones sociales y la importancia de las instituciones, los mecanismos de mediación y las políticas de protección en la construcción de sociedades más equitativas.

En el tercer eje, la atención se dirige hacia la formación humana, la producción científica y la responsabilidad social. Los capítulos discuten la formación de científicos y profesionales, la necesidad de prácticas más reflexivas, sostenibles e inclusivas y la valorización de concepciones educativas capaces de reconocer al sujeto en su integralidad. Más que centrarse exclusivamente en los procesos de enseñanza, los trabajos reflexionan sobre la función social de la formación y sobre las responsabilidades éticas inherentes a la producción y aplicación del conocimiento.

Finalmente, el cuarto eje reúne estudios que exploran las relaciones entre historia, cultura, conocimiento e interpretación. La estandarización tipográfica en el contexto soviético y las controversias arqueológicas relacionadas con los relieves del antiguo Egipto muestran, desde perspectivas distintas, que la producción y transmisión del conocimiento se encuentran vinculadas a contextos históricos, evidencias y sistemas de interpretación que requieren un examen crítico. Esta reflexión se amplía hacia el diálogo intercultural entre diferentes tradiciones de conocimiento, particularmente a partir de las relaciones entre la biología cultural y los saberes mapuche. Desde esta perspectiva, el reconocimiento del otro, la reciprocidad y el cuidado de las relaciones entre comunidades, naturaleza y territorio permiten explorar el amor como condición de resistencia y regeneración, así como el Buen Vivir como horizonte ético y político de convivencia.

Al reunir investigaciones provenientes de diferentes áreas y realidades, este volumen reafirma el carácter plural de las Ciencias Socialmente Aplicadas y las Humanidades. En común, los trabajos aquí presentados demuestran que comprender las transformaciones sociales contemporáneas exige articular escalas, reconocer la complejidad de los fenómenos y mantener abierto el diálogo entre distintos saberes, métodos y perspectivas. Esta pluralidad invita también a reflexionar sobre las formas en que las sociedades producen, legitiman y transmiten conocimientos, así como sobre las responsabilidades que acompañan nuestras maneras de comprender, transformar y habitar el mundo.

¡Buena lectura!

Jesús Rivas Gutiérrez

Christian Starlight Franco Trejo

SUMÁRIO

GEOPOLÍTICA, TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

CAPÍTULO 1.....1

AGUA, SEGURIDAD E INFLUENCIA ESTADOUNIDENSE EN LA ZONA DEL ACUÍFERO GUARANÍ Y LA TRIPLE FRONTERA

Javier Luchetti
Florencia Olivera
Luciana Rodríguez

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262771

CAPÍTULO 2.....10

ANÁLISIS JURÍDICO MULTINIVEL, RIESGOS SOCIOAMBIENTALES Y PROSPECTIVA COMERCIAL BAJO EL ACUERDO INTERNACIONAL T-MEC "SUSPENSIÓN TEMPORAL DE LAS INSPECCIONES PARA LA EXPORTACIÓN DE AGUACATE MICHOACANO HACIA ESTADOS UNIDOS DE AMÉRICA"

Marcial Reyes Cázarez

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262772

CAPÍTULO 3.....38

TOWARD A SUSTAINABLE DOWNTOWN AMMAN: A CONCISE LEED-BASED STRATEGIC FRAMEWORK FOR THE AL-MADINA DISTRICT

Diala Atiyat
Dua'a Almajali

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262773

CAPÍTULO 4.....48

SEGURANÇA ALIMENTAR EM TERRITÓRIOS URBANOS: HORTAS AGROECOLÓGICAS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E SUSTENTABILIDADE

Francisco Luis Giraldo Gutiérrez
Dumar Orlando Sánchez

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262774

CAPÍTULO 5 56

EVALUACIÓN DE COMUNIDADES DE APRENDIZAJE CAMPESINO “SEMBRADORES YOPES, CULTIVANDO EL CAMPO Y COTÓN AMUZGO”

Marco Eymard Cortés Gaspar
Fabiola Salado Loreto
Mónica Corazón Gordillo Escalante
Mirna González Salinas
Alejandro Quintero León
Roger Joseph Bergeret Muñoz
Abraham Garay Velázquez

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262775

DIREITOS, GÊNERO, VULNERABILIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS

CAPÍTULO 6 70

SISTEMA DA PROSTITUIÇÃO: VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES INCOMPATÍVEL COM OS DIREITOS HUMANOS

Ana Sofia Fernandes
Alexandra Silva
Margarida Teixeira

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262776

CAPÍTULO 7 86

MATERNIDAD Y PATERNIDAD BAJO PRESIÓN EN EL ESTUDIO Y EL TRABAJO

Rocío Fuentes Valdivieso

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262777

CAPÍTULO 8 98

LAS FALSAS DENUNCIAS SOBRE GÉNERO

Martha B. Rodríguez González

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262778

CAPÍTULO 9 ..... **106**

LA NORMALIZACIÓN DE LA VIOLENCIA EN ADOLESCENTES DE EDUCACIÓN MEDIA SUPERIOR TRAS LA PANDEMIA: ESTRATEGIAS DE MEDIACIÓN

María Esther Carmona Ortiz

https://doi.org/10.37572/EdArt_2809262779

FORMAÇÃO HUMANA, CIÊNCIA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

CAPÍTULO 10 ..... **120**

TENSIONES AL HUMANIZAR, SOCIALIZAR Y EDUCAR CIENTÍFICOS. UNA POSTURA SOCIAL

Luis Rodolfo Ibarra Rivas

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627710

CAPÍTULO 11 ..... **137**

INGENIERÍAS MÁS SOSTENIBLES E INCLUSIVAS: LA REFLEXIVIDAD COMO PRÁCTICA FORMATIVA

Mercedes Soria

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627711

CAPÍTULO 12 ..... **150**

EL ENFOQUE DISCIPLINAR DE EDUCACIÓN FÍSICA CENTRADO EN LA PERSONA Y SU MOVIMIENTO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS, IMPLICACIONES PEDAGÓGICAS Y DESAFÍOS PARA LA FORMACIÓN INTEGRAL

Alejandro Alberto López Niño

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627712

CULTURA, HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO DO CONHECIMENTO

CAPÍTULO 13 ..... **160**

FROM OST-1337 TO GOST 3489: SOVIET TYPE STANDARDIZATION AND THE FORMATION OF MODERN TYPOGRAPHIC INFRASTRUCTURE

Hyunguk Ryu

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627713

CAPÍTULO 14 ..... **176**

¿TECNOLOGÍA IMPOSIBLE EN EL ANTIGUO EGIPTO? LOS RELIEVES DE ABIDOS Y LOS LÍMITES DE LA INTERPRETACIÓN ARQUEOLÓGICA

Humberto Álvarez Sepúlveda

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627714

CAPÍTULO 15 ..... **188**

LA «LÁMPARA DE DENDERA»: ¿ARTEFACTO TECNOLÓGICO O REPRESENTACIÓN DE LA CREACIÓN DEL MUNDO?

Humberto Álvarez Sepúlveda

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627715

CAPÍTULO 16 ..... **200**

EL AMOR COMO CONDICIÓN NATURAL Y POLÍTICA DE RESISTENCIA. MIRADAS INTERCULTURALES HACIA EL BUEN VIVIR

Ximena Sepúlveda Varas
Vicente Painel Seguel

https://doi.org/10.37572/EdArt_28092627716

SOBRE OS ORGANIZADORES **221**

ÍNDICE REMISSIVO **223**

CAPÍTULO 10

TENSIONES AL HUMANIZAR, SOCIALIZAR Y EDUCAR CIENTÍFICOS. UNA POSTURA SOCIAL

Data de submissão: 27/08/2026
Data de aceite: 14/09/2026

Luis Rodolfo Ibarra Rivas
Facultad de Psicología y Educación
Universidad Autónoma de Querétaro
México
https://orcid.org/0000-0003-1803-5319

RESUMEN: La finalidad de este ensayo es ilustrar la humanización, socialización y educación de científicos. Se justifica por la difundida representación social denominada Bata Blanca. Ésta muestra opiniones estudiantiles sobre científico y ciencia, destaca su actitud de rechazo a dedicarse al campo científico. Otro referente que lo justifica es la psicologización de la educación. Es significativa porque omite determinaciones sociohistóricas, políticas, culturales y económicas; porque solo responsabiliza a cada estudiante de su éxito o fracaso. La crisis civilizatoria existente tampoco la considera. Así, se despolitiza la realidad educativa. Para encarar de otro modo la humanización de científicos, en el ensayo se expresa qué entender por humanizar, socializar y educar. Luego se apoya en dos teorías sociales: funcionalismo y marxismo. Se distinguen por la influencia dada a la sociedad o las clases sociales al humanizar. De la teoría funcionalista analiza sus conceptos: sociedad, grupo profesional, solidaridad, armonizar, educar y temporalidad. Con el recurso del libro *Fausto,* presenta similitudes entre cambios de época y metamorfosis de Fausto, con lo que sucede actualmente al humanizar científicos. De la teoría marxista comenta qué entender por sociedad, clase social, explotación, lucha de clases, ideología, hegemonía, consenso y coerción. Denuncia diferencias salariales de universitarios y la pobreza en América Latina; además, critica el avance de gobiernos latinoamericanos de derecha. Concluye exhortando a considerar la complejidad de humanizar justipreciando: lucha y armonizar. Autoformación y formación en grupo. Dudar y crear lo inédito. La triada pasado-presente-porvenir. Humanizar y hacer ciencia para la sociedad o para clases sociales olvidadas. Necesidades humanas y límites de la naturaleza. Investigar e intereses conceptuales vinculados con tradiciones pedagógicas. Humanizar, producir ciencia y un proyecto hegemónico orientador. Con ello problematiza lo simplificado al humanizar acorde a la representación Bata Blanca y la psicologización educativa. No aporta respuestas definitivas. Deja al lector esa tarea.
PALABRAS CLAVE: educar; ciencia; científico; humanizar; socializar.

TENSIONS BY HUMANIZING, SOCIALIZING AND, EDUCATING SCIENTITS. A SOCIAL STANCE

ABSTRACT: The goal of this paper is to illustrate scientists' humanization, socialization and education process. It is justified because of a widespread social representation called The White Robe. It shows students' opinions regarding scientists and science, highlighting their attitude of rejection towards scientific endeavors. Another reason is the psychologization of education; being significative because it omits historic political, cultural and, economic determinations; because it only holds responsible students' success or failure individually. The existing civilizational crisis doesn't consider them as well. That way, school's reality becomes depoliticized. To face differently the humanization of scientists, in the essay it is expressed what to understand by humanizing, socializing and educating, then, two social theories support it: Functionalism and Marxism. They are distinguished by the influence given to society or social classes when humanizing. From the functionalist theory, it analyzes the concepts: society, professional group, solidarity, harmony, to educate, and temporality. With the literary resource of the book *Faustus*, it shows similarities between times changing and Faustus' metamorphosis, with what is currently happening when humanizing scientists. From Marxist theory, it comments what to understand by society, social class, exploitation, class warfare, ideology, hegemony, consensus and coercion. It denounces wage gaps of faculty members and, poverty in Latin America; also, it criticizes the progress of right wing Latin American governments. It concludes by encouraging to consider complexity when humanizing: struggle and harmony. Self-formation and group formation. Doubt and create the unseen. The triad past-present-future. Humanizing and doing science for society or for forgotten social groups. Human necessities and nature's limits. Research and conceptual interests linked with pedagogic traditions. Humanization, produce science and a hegemonic guiding project. It problematizes what was simplified when humanizing according to the White Robe representation and psychologization of education. It does not provide definitive answers, it leaves the reader that task.
KEYWORDS: educate; science; scientific; humanize; socialize.

1. INTRODUCCIÓN

El objetivo de este ensayo es ilustrar la tarea de humanizar científicos, mostrando tensiones sociopolíticas de tal proceso. Partió de reportes de investigación que establecen una representación social dominante sobre cómo concebir a la ciencia y al científico, la denominaron *Bata Blanca* (Cuevas, 2025; Ibarra, 2026). Algunas de sus características son: la ciencia es comprobable y cuantificable, es abstracta y poco útil por no ser práctica, no es subjetiva; el científico es varón maduro usa *Bata Blanca*, trabaja solo manipulando equipos de laboratorio (microscopios, densímetros, espectrofotómetros, etcétera), no tiene vida social, es aburrido o un tanto loco.

Tales representaciones sobre la ciencia y el científico son acompañadas por una actitud estudiantil negativa de rechazo al campo científico. No son limitaciones baladíes.

Requieren valorarse al contrastarlas con otras formas de concebir al trabajo docente para educar científicos. Aquellas que rechacen posturas dogmáticas. Aquelllas que admiten a la ciencia y al científico vinculados a su contexto social. Aquellas que comprenden la ciencia como falible e histórica. Aquellas que encaran la tensión reaccionaria *versus* progresista, dado que la ciencia no es neutral y sí está atravesada por la postrura que puede ser progresista o reaccionaria (Snyders, 1972).

Este ensayo plantea tensiones educativas al mostrar teorías sobre qué es lo socio-político; además, devela cómo tal comprensión afecta al científico y su producción de conocimiento verdadero. Para ello se apoya en dos vertientes de la sociedad, marxista y estructural funcionalista de Durkheim. Su pretensión es limitada ya que no ofrece una postura definitiva; más bien, plantea la necesidad de educar científicos asumiendo una orientación pedagógica compleja que rehúya dicotomías o maniqueísmos.

Aquí se ofrecen posturas sociológicas y políticas para que también se contrasten con otra orientación dominante, la psicologización de la educación. Con el riesgo de incurrir en una perogrullada, psicologizar lo educativo consiste en entenderlo y promoverlo con el único recurso de la psicología y del aprendizaje. Tal reducción –propiciada por el deslumbramiento generado por la psicología– convierte problemas complejos a solo del estudiante: el ascenso social será gracias a su esfuerzo y autocontrol emocional, él es responsable de ser competente para acceder y ascender en el mercado laboral (Cangas, 2025).

La psicologización de la educación naturaliza individualizar y despolitizar lo educativo y lo meritocrático; dificulta identificar y valorar las desigualdades sociales, económicas, culturales, políticas, de género y etnia; obstaculiza y distorsiona cobrar conciencia de clase y de sí mismo; oculta cómo es inequitativo y excluyente el sistema actual (Kobeaga, 2025; Echevarría, 2026). Asimismo, despolitizar la educación oculta la crisis civilizatoria que se experimenta actualmente en el mundo; consiste en un entramado de crisis ecológica, cultural, política, social y económica (Roa, et al., 2026; Gioffre, 2026).

Para cuestionar la psicologización este ensayo aclara qué entender por humanizar, educar y socializar. Ilustra cómo es el científico y modelos de ciencia, apoyándose en el interés conceptual al investigar. Describe dos formas de comprender la realidad y educación: funcionalista y marxista. El trabajo concluye invitando a reflexionar sobre los fines y medios de humanizar al científico, sobre formas de concebir la realidad, la ciencia y sus métodos. Invita a esclarecer las posturas politizando humanizar e investigar.

1.1. HUMANIZAR, EDUCAR Y SOCIALIZAR AL CIENTÍFICO

Humanizar. Se remonta a los albores del surgimiento de nuestra especie. No existirían humanos sin procesos educativos y de socialización. Sólo a través de ambos, ideas, prácticas y sentimientos se transmiten de una generación a otra. Un cuerpo humano recién nacido se apropia de características humanas, gracias a las actividades de educar y socializar. Los humanos crearon la educación y socialización, ambas contribuyen a humanizarlos.

Los procesos que humanizan son educar y socializar; no tienen fronteras definitivas, se confunden y, al mismo tiempo, se distinguen. Socializar no lleva consigo una finalidad trascendente. Educar sí involucra fines que se extienden por generaciones.

Socializar. Cuando un adulto muestra a un joven usar utensilios o realizar acciones específicas, por ejemplo, utilizar un tenedor, es más pertinente referirse a socialización. Heller (1977) explicó formas de socialización, explicó la reproducción social: participar en la división del trabajo, al aprender a realizar una función laboral de las existentes. Se humaniza al socializar prácticas inherentes a un lugar, tiempo específico, grupo, clase y sociedad. La formación más extensa y con mayor raigambre es la socialización de la sociedad, grupo o clase social.

La sociedad y socializar son objeto de estudio de la sociología. Esta ciencia explica el incesante despliegue de las facultades de nuestra especie: ideas, sentimientos y prácticas requeridas para la vida individual y social. Hay dos principales teorías sociales. Una considera a la sociedad como un todo que pervive por los vínculos de *solidaridad* entre sus miembros; está divida en *grupos de profesiones* con funciones diferentes (Durkheim, s/f). La otra estipula que la sociedad está conformada por clases sociales con intereses opuestos; la *lucha de clases* es fundamental para entender lo social (Marx y Engels, 1978). Hay más teorías sociales. Este ensayo se soporta en las dos.

Solidaridad y armonía entre individuos y grupos sociales, usualmente, se repele por quienes aceptan intereses y lucha de clases sociales antagónicas. Conviene unir lo disperso. Lucha (marxismo) y solidaridad (funcionalismo) son dos facetas humanas. No necesariamente se debe asumir una y condenar otra. Es inexistente una sociedad que sea ajena a conflicto-intereses y solidaridad-armonía, pueden ser similares a fuerzas centrífugas y centrípetas que forman y mueven un torbellino. Es similar al par dialógico consenso-coerción necesario para que exista el Estado (Gramsci, 1981). La humanización es un proceso inacabado movido por solidaridad-armonía y conflicto-intereses. Humanizar al científico lo conforman procesos de socializar y educar.

Educar. Se realiza en distintos espacios. La educación formal es en instituciones educativas; fue precedida por la educación no formal realizada por la sociedad en su conjunto o por clases sociales. Hay otra poco considerada, la educación informal, es asistemática y azarosa. Educación formal y no formal coinciden en su intencionalidad dado un lugar, momento y grupo o clase social. Ambas propenden a conservar, progresar o transformar.

La escuela ejerce el monopolio legítimo de la transmisión de credenciales educativas. Es la única autorizada por el Estado para acreditar estudios que avalan una formación específica. La educación de científicos se realiza en instituciones educativas.

Educar es el objeto de estudio de la pedagogía. Un sentido común docente opone dos polos al educar. Uno centra sus actividades en el educando, escuela nueva (ni tan novedosa, inició con Sócrates, continuó Rousseau, siguieron más en el siglo pasado, como Montessori). El otro polo es la dirección del adulto sobre las generaciones más jóvenes: escuela tradicional. Snyders (1972) las integró en una tercera: escuela progresista. Hay más: tecnología educativa y escuela crítica (Pansza, et al., 1993). Las cinco coexisten. En México desde hace dos o tres décadas se impulsa la educación psicológica constructivista. Curiosamente, científicos latinoamericanos actuales se educaron conforme la escuela tradicional, con sus virtudes y limitaciones.

Vale la pena preguntarse si existe una definición unívoca a la pregunta ¿Qué es educar? Es necesario proponer de modo complejo qué es educar. Lo es porque la tarea educativa no es simple. La respuesta que se dé es como un pez que se resbala al creer que se le sujeta. Es difícil definir la educación. Merece más que una definición de diccionario; especialmente los maestros deben ampliar sus formas de entenderla para diversificar sus formas de educar; quizá una sola manera de comprenderla lleve a ejercer una sola manera de educar. Acontinuación se expresan algunos de sus rasgos.

1) Educar obedece a circunstancias específicas. La educación es histórica, determinada por un lugar, tiempo y sociedad determinados.
2) Se educa propiciando ideas, sentimientos y prácticas.
3) Se educa conforme intereses de clases sociales y grupos sociales.
4) En ocasiones jóvenes educan a adultos.
5) Las prácticas educativas formales siguen las tendencias: crítica, tecnología educativa, tradicional, escuela nueva o progresista.
6) Se educa con consenso y coerción.

Conocer estas características favorece humanizar-educar-socializar científicos de manera más pertinente y reflexiva. Desconocerlas lleva a educar sin lucidez. Educar

es una tarea compleja. Educar a futuros científicos no lo es menos. Exige una forma duradera de ser y de valorar, que posea cierto dominio de teorías y prácticas educativas. No basta el sentido común docente.

Humanizar científicos. Requiere educar y socializar. Lleva al peligro de sólo encarar uno de los dos: se socializa usar la tecnología e instrumentos del campo científico en que se forme. Justo lo contrario, se educa con una visión cientificista o teoricista: se transmiten únicamente ideas, conceptos y fines, pero no se comunican pasiones ni formas de acción. Tampoco se humaniza, plenamente, al joven científico en formación al no contagiarlo del deseo de procurarse ciertas relaciones o aficionarse a determinados bienes simbólicos.

Humanizar científicos reclama jugar sincréticamente con fines y medios, al seguir escuelas pedagógicas y modelos de ciencia. Quizá conjugar escuela nueva y tradicional. En todo caso, sin comunicar no se educa ni socializa. Por ello es indispensable diversificar la comunicación educativa (Bourdieu, 2005). No basta la comunicación vertical de la escuela tradicional (maestro) ni la tecnología educativa (máquinas de enseñanza) ni la crítica (juzgar algún aspecto) ni la escuela nueva (alumno) ni comunicar de forma progresista.

1.2. CIENCIA, FILOSOFÍA Y METODOLOGÍA

Ciencia. La producción científica y su enseñanza son procesos complejos. Lo son porque es inadmisible pensar, por caso, únicamente en "La Ciencia", cuando coexisten, conflictivamente, modelos de ciencia y de científico que persiguen distintos intereses. Habermas (1993) mostró que algunos científicos se interesan en *prescribir* o formular leyes: ciencia nomotética, obtenida con el llamado método científico. A otros los cautiva *interpretar y explicar*, gracias a la hermenéutica. Unos más *critican* o *transforman* la realidad, en virtud del materialismo histórico y dialéctico o de los postulados de la escuela crítica de Frankfurt. Para el sociólogo alemán –como para otros científicos– *describir* no es un interés admisible ni el método que lo soporta: fenomenología. Si bien, describir también es un interés plausible perseguido al investigar.

Es provechoso saber el método de la comunidad científica (nomotético, hermenéutico, marxista, crítico o fenomenológico) en que se formó quien transmite su oficio. Lo es porque en ocasiones la producción de ciencia se sigue de manera "natural", manteniendo las enseñanzas de sus maestros, sólo que sin saber límites y potencialidades del método científico con que se formaron. Así, se sigue sin valorar, cabalmente, lo que se hace ni por qué se hace así.

Una carencia de las ciencias y los distintos intereses que persiguen los científicos, está dado por Weber (1991): la ciencia no ofrece respuesta para la pregunta más importantes que se plantea el ser humano, ¿qué sentido tiene la vida? Un médico sabrá alargarla o mejorarla, pero no tiene elementos suficientes para señalar un sentido de por qué vivir. Humanizar al científico rebasa al campo de la ciencia. Requiere de la filosofía.

Filosofía. Contribuye a humanizar al científico. Epistemología y ontología aportan criterios que permiten justificar y construir un método. Un método o camino que –bajo razones pedagógicas e investigativas– responda a los intereses que cada situación plantea (*Diccionario de ciencias de la educación*, 2006). Apropiarse de teorías que justifiquen la humanización metódica, conduce a admitir: menos pasión y más método; lleva al análisis filosófico de recrear procedimientos metódicos. Los filósofos también legaron argumentos para poner al alcance respuestas a: ¿qué sentido tiene la vida humana?, ¿evolucionar, progresar, reproducir o transformar?, ¿en provecho de quiénes investigar?

Metodología. Una ilustración para valorar su importancia ante cada método. Es comprensible que alguien se declare hermeneuta. No es tan admisible que, ante una realidad que demande transformar o describir, se imponga a *priori* una epistemología-ontología-método interpretativo. Lo que determina al método es la relación política-ética del educador o investigador con la realidad. El método se construye con criterios que complementen carencias de un método singular: caminante no hay camino, se hace camino al humanizar, educar, socializar e investigar.

Educar y socializar a futuros científicos lleva a responder peliagudas preguntas: ¿qué forma de comunicación educativa debe prevalecer?, ¿tradicional, nueva, tecnología educativa, progresista, crítica?, ¿educar para comprender la gama amplia de intereses científicos o especializar en uno solo?, ¿educar para comprender metodología y métodos?, ¿educar con menos pasión y más método o, a la inversa, con menos método y más pasión?

2. HUMANIZAR PARA EL PROGRESO DE LA SOCIEDAD

Durkheim (1993) estipuló que la educación es la acción ejercida por generaciones adultas sobre las que aún no están maduras para la vida social, con la finalidad de desarrollar en el individuo cierto número de estados físicos, intelectuales y morales que exigen de él la sociedad en su conjunto y el grupo especial al que está destinado. Educar tiene una orientación –o sentido– histórico y social. Se educa para una sociedad y un momento específico. Es indeseable que la humanización, de miembros de nuevas generaciones, sea de tal suerte que sus ideas, sentimientos y prácticas provengan de

períodos muy adelantados o muy atrasados, de los que experimenten la sociedad y el grupo social. Es indeseable porque sus coetáneos los rechazarían si están tan delante o detrás de ellos.

Temporalidad y humanizar. Esta relación trae consigo una enorme tensión: precisar, asumir y actuar conforme a qué es "muy adelante o muy atrás". En abstracto es fácil decirlo. No es así cuando un científico decide, conscientemente, inclinarse por una orientación educativa-investigativa que se mueva dentro de esos límites. No, debido a que implica valoraciones éticas, políticas, sociales, económicas y culturales. En ámbitos científicos una exigencia "global" presente es publicar en revistas indexadas en *Scopus* o similares.

Antes no fue así. Newton o Einstein no investigaron para publicar en tal o cual revista. Su interés no fue "global", aun cuando sus resultados sacudieron al mundo científico. ¿Cómo humanizar al científico actual? Presente: ¿dirigirlo a cumplir exigencias de la supuesta aldea global? Pasado: ¿hacer ciencia al motivarse por la pasión de conocer que movió añejas formas de generar ciencia? Futuro: ¿revolucionar o transformar la realidad siguiendo una finalidad? Las tensiones temporales son intrínsecas a humanizar al científico y su producción.

Solidaridad y armonizar. Armonizar lo temporal al humanizar no es la única fuene de tensión. Durkheim legó otra: cómo armonizar las demandas de la sociedad en su conjunto, con las del grupo social de pertenencia. Una ilustración. En una cultura y sociedad ágrafa, en la que predomina la palabra hablada, es indeseable la educación orientada a formar individuos dedicados a escribir cuartillas. Si así sucediera, la sociedad obstaculizaría que la educación comunique ideas, sentimientos y prácticas que transmitan el oficio de escribir ¿Escribir ciencia en América Latina es potenciado socialmente?

La tensión de armonizar intereses de la sociedad y de grupos sociales específicos parece algo menor. No lo es al humanizar al científico. No, porque existe, por ejemplo, la posible situación de investigadores que se ocupan de educar a nuevas cohortes de científicos sólo para satisfacer las necesidades de su gremio, sin invertir energía ni tiempo en las necesidades de la sociedad.

Metamorfosis humana. Tensiones que aquí se esbozaron Goethe (2009), en su libro *Fausto*, las mostró de manera estética: el ser humano y sus relaciones con la cambiante sociedad medieval. Marshall Berman (1989) –al glosar esa obra– describió la vida de Fausto con la metáfora de metamorfosis: cambio gradual y orgánico de alguien que se transforma en algo insospechado. Primero mostró al *Fausto soñador* enclaustrado y ensimismado en sus pensamientos, ajeno a la vida cotidiana. Existía para

sus elucubraciones científicas. Salió de su condición de aislamiento al transformarse en otro ser humano, el *Fausto amante*, presto a satisfacer placeres sensuales y, finalmente, en el *Fausto desarrollista* que transformó la realidad.

El *Fausto soñador* estaba solo rodeado de libros, manuscritos, diagramas, instrumentos científicos, en suma, de la parafernalia de una vida científica (Berman, 1989). Dejó su vida dedicada al cultivo de las ciencias por otra en la que colmó sus placeres sensuales, incluidos seducir a una bella jovencita y experiencias orgiásticas y juergas. El *Fausto amante* experimentó tedio por la sobreabundante satisfacción de placeres sensuales, entonces, Berman mostró al *Fausto desarrollista*, quien se empecinó en dominar la naturaleza. Utilizó al poder científico, económico y gubernamental en aras de materializar sus sueños de dominio de la naturaleza: crear lo inexistente, el dominio del mar y su entorno.

Humanización científica y metamorfosis faústicas. Alguien se preguntará qué relación guardan las metamorfosis faústicas con humanizar al científico. La literatura alecciona a la sociedad. Algunos científicos desatienden esas lecciones. Las de Goethe y Berman son valiosas porque ilustran formas de relación humana. Primero, una ensimismada en su vida intelectual, casi sin nexo social. Después otra donde la ciencia es ajena a Fausto: desea únicamente satisfacer placeres sensuales. Una última en la que Fausto es movido por fuerzas desarrollistas que encarna él mismo.

Goethe mostró la Europa de su época. No existen diferencias abismales entre lo que existió y lo que ahora es común: cambio de épocas. El libro Fausto es un clásico de la literatura: muestra conflictos, personajes, vivencias y anhelos que jalonean a nuestra especie: ideas, sentimientos y prácticas que coexisten y representan temporalidades, grupos sociales y sociedades distintas.

Humanizar con sentido u orientación se favorece si se conoce pasado, presente y el porvenir se vislumbra. Humanizar científicos debe desafiar recrear ideas, sentimientos y prácticas similares del estilo del Fausto soñador: ajeno a su época e indiferente a su sociedad, distante de anhelos y cosas mundanas. También es indeseable formar y ser un científico desarrollista que daña a la naturaleza y seres humanos.

Humanizar científicos debe reconocer el peligro de no reflexionar sobre vínculos entre intereses del científico, de la sociedad y determinaciones temporales (presente-pasado-porvenir). La amenaza que acecha –al no reflexionar sobre el quehacer científico y sus nexos con la realidad– estriba en investigar limitándose a paradigmas científicos que se ignora a qué grupos e intereses benefician: ¿trabajar sin saber en provecho de quién o de qué?

El libro de Goethe *Fausto* enseñó que el intelectual desarrollista quedó sujeto a un poder que lo usaba acorde a sus deseos y necesidades. Esa ciencia es útil para un poder que se ostenta como representante legítimo de la sociedad; aun cuando, las más de las veces, carezca de la base social que permita tal creencia: es una imposición, más o menos, debida a la fuerza física o la coacción de medios masivos de comunicación.

Es indispensable aguzar los sentidos y el ingenio ante la necesidad de reflexionar sobre las relaciones del científico con la sociedad, la ley y el poder. En caso de no problematizarlas la tarea científica –y la humanización del científico– será sin advertir el riesgo de ser inconsciente de los resortes que aguijonean a indagar y humanizar con un fin determinado.

Humanizar, educar y socializar científicos es una tarea incierta que exige al científico responder: ¿siguiendo dictados del grupo donde se formó o satisfcer exigencias de la sociedad?, ¿transmitirle la pasión por investigar o ser neutral ante la realidad?, ¿para moderarse ante placeres sensuales?, ¿para ser un desarrollista? Respuestas a estos cuestinoamientos, abajo se insinúan otras posibilidades con la teoría maxista.

3. EDUCACIÓN, CLASES SOCIALES, IDEOLOGÍA Y HEGEMONÍA

Durkheim (1993) argumentó que la sociedad está formada por grupos sociales profesionales debidos a la división social del trabajo (Durkheim, s/f). Marx y Engels (1979) establecieron otra unidad de análisis, la clase social. Ésta se comprende por la relación que guarda con la forma de propiedad: esclavista, feudal o capitalista. En la actualidad existen dos clases fundamentales: asalariados y poseedores de medios de producir y vender mercancías.

La tradición marxista expone otra forma de comprender la educación: se educa, en última instancia, acorde a necesidades e intereses de la clase social que posee el poder material para imponer su ideología (Marx y Engels, 1979) ¿Qué clase social posee el poder material para imponer su ideología? En el modo de producción capitalista, es aquélla que posee los medios de producir y vender mercancías. Incluso compra parte del tiempo de asalariados. Aquí no se ofrece un tratado de marxismo, se reduce y simplifica.

Ideología. En el capitalismo se requiere para ocultar la explotación de la que es objeto la clase social asalariada. La explotación es debida al tiempo de trabajo no pagado al asalariado, al plus-trabajo del que se apropia el capitalista, es el valor del trabajo humano sustraído y acumulado por el capitalista.

La ideología es necesaria para que la clase asalariada no se rebele. Para que se valore normal el poderío del dueño de medios de producción. Para que aguante la forma

de relación socio-política-jurídica-económica-cultural que padece. Para que se "vea natural" o comprensible lo inaceptable: los medios de producción, siendo un producto social e histórico, es propiedad privada de una sola clase. Para que se acepte el imperio de una clase sobre el resto de la sociedad, ya sea en el esclavismo, feudalismo o en el capitalismo. Es imperiosa la ideología para enmascarar las condiciones de explotación que sufre la clase trabajadora.

Dentro del marxismo la ideología es considerada de varias formas (Otero, 1979). Admitiendo varias, rechaza al sentido común: "cada quien tiene su propia ideología"; lo desmiente porque habría tantas ideologías como humanos, aproximadamente, 8,000 millones de ideologías. En el marxismo se concibe la ideología como falsa conciencia de la realidad. Es falso que exista una verdadera igualdad entre los seres humanos en condiciones de explotación.

Ideología como falsa conciencia. La humanización de científicos incurre en ella cuando no se reconocen las diferencias de clase y se estima que el trabajo científico no tiene una orientación de clase. Un científico humanizado que se apropió de la falsa conciencia, seguramente se considera a sí mismo un intelectual libre de toda sujeción de clase. Acaso se imagina que es ajeno a determinaciones ideológicas. Pregona que no es subjetivo ni sirve a intereses distintos de los científicos. Empero, quizá la forma de educar lo delata. Su estudiante debiera ser un colega, pero él lo transforma en su ayudante; esto es, en quien hace el trabajo menos calificado, "en *provecho de la ciencia* y su avance" o, bien, en "*beneficio del chico en formación* investigando al lado de quien sabe". No del *boss*.

La ideología es un proyecto político. Es de una clase para dirigir a asalariados y naciones. Gobiernos latinoamericanos neoliberales impulsaron la ciencia sin ser nacionalistas. Es una política estatal que no nació en América Latina. Su origen data del llamado consenso de Washington, proyecto neoliberal impulsado por EEUU desde la década de los ochenta del siglo pasado.

En México, compatible con la política presupuestal restrictiva, en los ochenta surgió el Sistema Nacional de Investigadores (SNI, ahora SNII una I más por Investigadoras). Ese organismo alienta la producción de ciencia y científicos con el pago de salarios adicionales, no son acumulables al salario al jubilarse. Se obtienen al mostrar evidencias: no hay evidencias, no hay salario extra.

La ideología son prácticas sociales. Se discrimina al que es ajeno al patrón ideológico. Son observables prácticas sociales universitarias que materializan el proyecto político neoliberal del gobierno mexicano durante más de tres décadas: mayor prestigio institucional para los miembros del SNII, mayores apoyos institucionales para publicar,

asistir a congresos o dedicarse a su trabajo científico. Es usual que en universidades mexicanas un profesor miembro del SNII sólo trabaje 6 horas semanales frente a grupo. Es provocativo saber qué sucedería si todos los profesores fueran miembros del SNI: ¿cuántos profesores del SNII se requerirán para educar a miles de estudiantes?

La forma de contratación docente diferenciada llega a extremos inadmisibles: existen profesores contratados por honorarios, es decir, "clase dada, clase pagada". A ellos no se les pagan vacaciones ni cuentan con jubilación, carecen de seguridad social y fondos para vivienda; por si eso no fuera grave, cada semestre existe el apuro de que les "quiten sus horas".

Humanizar científicos, usualmente, no se ocupa de tales minucias. Algunos científicos no tienen tiempo para perderlo en reflexionar –con quienes educan– en la discriminación existente en su lugar de trabajo, menos en las inequidades sociales. Ellos dirían: "El tiempo es oro ¡Hay que publicar! Eso es lo importante". La ideología se expresa en prácticas sociales.

La ideología es una comunidad ilusoria. Hace suponer que se tienen ideas, prácticas y sentimientos comunes. Es ilusoria la comunidad porque está preñada de conflictos de intereses. La comunidad ilusoria en universidades se manifiesta con demandas, "ponerse la camiseta", "todos somos universitarios".

Es ilusoria tal comunidad porque en la universidad existen jerarquías. Algunos universitarios son profesores de tiempo completo. Otros son de medio tiempo. Unos de tiempo libre. El resto por honorarios. Cada tipo de contratación tiene diferentes niveles salariales. Además, unos investigan. Otros son profesores. Unos enseñan en licenciatura. Otros en posgrado. Unos más están en extensión. Siendo todos asalariados, los contolan un sinnúmero de jerarquías.

Los intereses de cada universitario no coinciden, en más de las veces, ni con las exigencias de su vecino de cubículo. Es cierto, todos son universitarios, pero compiten por distinguirse o por obtener recursos económicos. Rivalizan entre ellos. "La comunidad universitaria" es más un bonito cuento que una realidad, si no que lo digan los profesores contratados por honorarios.

La comunidad científica es otra ficción. Los científicos luchan por intereses conceptuales. Usualmente no se les humaniza para advertir los conflictos dentro de su gremio ni la lucha de clases que se vive en la sociedad. Es necesario reiterar, su tiempo lo ocupan "cosas más importantes". El *Fausto soñador* mostrado por Goethe no es tan ajeno a universitarios actuales, algunos no asoman las narices fuera de sus cubículos para averiguar qué pasa. El *Fausto amante*, el volcado en placeres sensuales, quizá esté

también en la universidad. Son quienes publican para obtener el salario adicional que les permita consumir más mercancías sofisticadas. El científico del *Fausto desarrollista* también está en la universidad. Unos científicos trabajan para proyectos de desarrollo productivo de empresas privadas, y para obtener evidencias para ingresar o mantenerse en el SNII.

La ideología dominante no es cuento. Es una realidad. Se muestra empíricamente, aunque se procure ocultar. En términos generales, la humanización de científicos es ajena a cobrar conciencia y asumir una postura de clase; más bien, se difunde ser parte de "la comunidad científica"; la comunidad ilusoria existe en la humanización de científicos. La ideología como proyecto político se expresa cuando los científicos opinan ser ajenos a proyectos del Estado. Algunos científicos se consideran libres pensadores, ajenos a intereses de clase o proyectos políticos, son libérrimos, según ellos. La falsa conciencia, de la ideología dominante, está presente en la humanización científica. Un botón de muestra. No se cuestiona la relación salarial capitalista: remuneraciones universitarias diferenciadas.

Es preciso aclarar que Marx y Engels no se ocuparon de la educación, no aclararon cómo la ideología se difunde y encarna. Algunos de sus discípulos sí. Destacan Gramsci y Bourdieu. Sus argumentos soportarán lo abajo escrito.

Consenso y coerción. Gramsci (1981) enseñó que a la educación la mueven tensiones similares a las que experimenta el Estado, los impulsan fuerzas opuestas. La sociedad civil la constituyen iglesias, escuelas, sindicatos o asociaciones privadas. Estos despliegan más el consenso. La coerción la ejerce más la sociedad política: gobierno, tribunales, ejército y policía. No existe Estado ni institución si no conjuga consenso y coerción. La educación existe en virtud de consenso y coerción. La escuela no es ajena a la coerción; no obstante, sí la orienta *más* el consenso.

No existe educación sin violencia simbólica, en tanto un poder arbitrario impone una arbitrariedad cultural en instituciones igualmente arbitrarias (Bourdieu, 1995). Seguramente a más de un educador tal afirmación le resultará inadmisible y reprobable –por decir lo menos– al tener posturas centradas en lo *armonioso de acompañar al chico*. Otra imposición.

Hegemonía. Es la dirección intelectual, política y moral de una clase sobre las demás que conforman un Estado. Es un *rappor*t pedagógico. Aun cuando Gramsci no se explayó sobre qué entender por *rapport*, para fines de este trabajo es el encuentro entre personas, instituciones o Estados. En este encuentro priva una sintonía en ideas, sentimientos y prácticas que se logra sobre la base de una comunicación, más o menos,

armoniosa, que propicia conformidad o dirección de una parte sobre la otra (Acosta, 2006). La hegemonía es un *rappor*t pedagógico porque la conformidad, el acuerdo o la sintonía entre personas e instituciones, orienta en un sentido su voluntad, es decir, sus ideas, sentimientos y prácticas. Lo pedagógico determina fines o sentidos de la educación.

Gramsci (1981) escribió que toda relación de hegemonía es un *rapport* pedagógico. Humanizar científicos se logra cuando, quienes son formados, encarnan y defienden el proyecto hegemónico de sociedad, ciencia y científico o, bien, cuando se recrean proyectos alternos al dominante. Los maestros dedicados a humanizar científicos, son *intelectuales orgánicos* a clases específicas, defienden como propio el proyecto de una clase. Su trabajo no se limita a producir ciencia. También contribuye a humanizar nuevos intelectuales, conforme el proyecto de clase defendido.

Al humanizar científicos se recurre a la coerción-violencia simbólica. Algunos educadores amenazan con reprobar a quienes no respeten el modelo asumido por ellos; también actúan socarronamente, se burlan si alguien osa sugerir un proyecto distinto al suyo. Educan imponiendo lo que debe ser, afrontar las contradicciones de clase o, bien, elaborar proyectos orientados por la visión de la sociedad armónica. En ambos casos se impone un arbitrario cultural.

El *rapport* también opera al humanizar científicos: quienes siguen los patrones del proyecto defendido por el educador son aplaudidos y puestos de ejemplo. Con ellos la comunicación es armoniosa y cálida. Consenso y coerción humanizan al científico. No es unívoco su resultado, presenta las contradicciones de clase que vive la sociedad donde se humaniza.

La hegemonía se despliega dentro de una nación entre sus individuos, instituciones y clases; igualmente, el *rapport* pedagógico se manifiesta en el campo mundial, entre el conjunto de culturas nacionales y continentales. La educación y la escuela propician la hegemonía, el consenso entre las clases, instituciones e individuos al seguir un proyecto específico de una clase.

En las condiciones actuales de crisis civilizatoria, en donde lo viejo no muere y lo nuevo no acaba de surgir (Gramsci, 1981), humanizar científicos es una ardua tarea. La representación *Bata Blanca* sigue teniendo poderío, es cercana al interés conceptual de hacer leyes, medir y comprobar objetiva y neutralmente. Solo que coexiste con posturas fenomenológicas, hermenéuticas, críticas y marxistas. Éstas difícilmente son dominantes en universidades latinoamericanas al humanizar científicos o, en general, seres humanos. Difícilmente hay hegemonía.

Un solo hecho que acaso problematice el supuesto interés conceptual de la supuesta objetividad y neutralidad, El Escudo de las Américas. Eufemismo que pretende

ocultar el dominio recuperado por EEUU en la mayor parte de América Latina. Tal vez se considere un exabrupto traer a colación que EEUU agrupó a casi todas las naciones latinoamericanas bajo esa corporación. No lo es del todo. En América Latina en este año 2026 solo los gobiernos de tres países no son proclives al que preside Donald Trump. Si la humanización de votantes que eligieron a los gobiernos de derecha hubiese sido distinta, probablemente, dirigiesen gobiernos progresistas o de izquierda.

La humanización, socialización y educación latinoamericana está urgida de proyectos hegemónicos con ópticas benéficas para los más necesitados y, casi siempre, olvidados. En América Latina (AL) padecen pobreza 162 millones de persona (25.5%) y pobreza extrema 62 millones (9.2%), de un total de aproximadamente 660 millones de latinoamericanos; en el año 2025 el 34.2% del ingreso total de AL lo captó el 10% más rico; contrastantemente, el 10% más pobre solo alcanzó el 1.7% del total del ingreso (CEPAL, 2025).

Más de un tercio de la población latinoamericana quizá sigue soñando en el progreso, acaso se mantiene con la falsa conciencia ideológica vociferada con el *slogan*: "¡Mueran los zurdos de mierda! ¡Viva la libertad carajo!" (Díez y Jarquin, 2026). Humanizar científicos sí exige objetividad, lo de la tal neutralidad es, al menos, cuestionable ¿Qué hacer?

4. REFLEXIONES FINALES

¿Qué hacer? Este ensayo no pretende ser un sucedáneo del *Manifiesto comunista* (Marx y Engels, 1978). Mucho menos procura inducir a tomar las armas al grito de "¡Hasta la victoria siempre!". Tampoco intenta persuadir de seguir haciendo lo mismo (psicologizar y despolitizar) ni ser indiferente a la crisis civilizatoria. Sí propone que se reconozca que la humanización de seres y humanos científicos es una ardua y compleja tarea: ¿por qué es necesario encararla vinculando armonía y lucha?

Es ardua porque demanda el esfuerzo intelectual, afectivo y práctico de procurar la autoformación y conformar grupos de universitarios dialogantes. Es complejo tal anhelo porque se está bajo la impronta del egoísmo, la ausencia de sentido y la crisis civilizatoria. Porque, usualmente, a los científicos poco se les alfabetiza en los campos de la filosofía y pedagogía. Porque algunas formas de humanizar, socializar y educar, siguen las enseñanzas de sus maestros: se asumen libre pensadores neutrales, ajenos a la política o, bien, críticos del sistema capitalista. Entre tales formas de ser y de valorar pocos –o ningunos– puentes se tienden ¿cómo y en provecho de quiénes conciliar las diferencias?

Para armonizar con el otro se precisa reconocer que la verdad absoluta no es una cualidad del científico ni de sus productos. Si se valora la duda, entonces, habrá apertura para recrear lo inédito impensado. En el ámbito filosófico-pedagógico decidir

y comprometerse con respuestas a espinosas tensiones; ¿conservar, evolucionar, progresar o transformar?, ¿en beneficio de quién?

Politizar la ciencia y la humanización de científicos reconoce la complejidad de encarar tensiones debidas a la triada pasado-presente-porvenir. Igualmente, lleva a valorar a qué realidad destinar esfuerzos: ¿grupos humanos específicos como micro, pequeños, medianos o empresarios de grandes inversiones o, bien, orientar el trabajo científico a clases sociales pauperizadas o a asalariados?, ¿y la naturaleza qué?

Otra forma de politizar y complejizar la tarea docente e investigativa del científico es reconocer, valorar, seguir y enseñar diferentes intereses conceptuales al investigar y socializar, educar y humanizar: ¿describir, prescribir, interpretar-explicar, criticar o tansformar?, ¿cómo conciliar los intereses conceptuales investigativos con tradiciones educativo-pedagógicas?

La tarea científica más formidable –al humanizar y producir ciencia– estriba en recrear, comunicar y profesar un proyecto hegemónico que encare la crisis civilizatoria: ¿Orgánico a lo humano y la naturaleza?, ¿qué rapport se aplaudira?

Una limitación del ensayo es no aportar respuestas definitivas a ¿qué hacer? Otra, es la mínima caracterización de la crisis civilizatoria, aun más cercenado son los aportes de la psicología para humanizar. Paradójicamente, lo distingue problematizar lo simplificado con la representación social Bata Blanca y con la psicologización de la educación.

Humanizar, educar, socializar, ciencia y científico son conceptos y actos complejos que cobran sentido al comprender sus límites y potencialidades. Demandan actuar consciente y apasionadamente. Usted dirá: ¿con qué sentido?

BIBLIOGRAFÍA

Acosta, J. M. (2006). *Marketing personal*. ESIC.

Berman, M. (1989). *Todo lo sólido se desvanece en el aire*. Siglo XXI.

Bourdieu, P. y J. C. Passeron (1995). *La reproducción*. Fontamara.

Bourdieu, P. (2005). “Principios para una reflexión de los contenidos de enseñanza”, en *Capital cultural, escuela y espacio social*. Siglo XXI.

Cangas, O. D. (2025). La Educación Emocional: La Psicologización de las Aulas Contemporáneas. Primeras Aproximaciones. *Estudios y Perspectivas Revista Científica y Académica 5*(2) 2256-2272 https://orcid.org/0000-0002-7687-4869

CEPAL (2025). Comisión Económica para América Latina y el Caribe. *Panorama Social de América Latina y el Caribe 2025: Cómo salir de la trampa de alta desigualdad, baja movilidad social y débil cohesión social* https://www.cepal.org/es/publicaciones/84175-panorama-social-america-latina-caribe-2025-como-salir-la-trampa-alta-desigualdad

Cuevas, J. (2025). Narrativas de ficción para el análisis del imaginario social del docente y/o experto en química. *Global Media Journal México*, *22*(42), 1-20. https://doi.org/10.29105/gmjmx22.42-533

Diccionario Enciclopédico de las Ciencias de la Educación (2006). Santillana.

Díez, E. J. y Jarquin, M. R. (2026). Comprender la "batalla pedagógica cultural" de la extrema derecha para disputar el futuro de la democracia. *Revista Iberoamericana de Educación*, 100(1), 15-31. https://doi.org/10.35362/rie10017164

Durkheim, E. (s/f). *La división del trabajo social*. Colofón.

Durkheim, E. (1993). Sociología y educación. Colofón.

Echevarría, G. (2026). Subjetivaciones juveniles universitarias en Chile: racionalidades neoliberales y experiencia social. *Revista Iuris*, *21*(2), 36-67. https://orcid.org/0000-0003-0650-1263

Gioffre, O. (2026). América Latina en la crisis fósil bifronte. La deserción como horizonte en tiempos de transición. Diferencia(s). *Revista de teoría social contemporánea*, 21, 91-108. https://www.revista.diferencias.com.ar/index.php/diferencias/article/viewFile/388/273

Goethe. W. (2009). *Fausto*. Porrúa.

Gramsci, A. (1981). *La alternativa pedagógica*. Fontamara.

Habermas, J. (1993). Conocimiento e interés. *Ciencia y técnica como "ideología"*. Rei.

Heller, A. (1977). *Sociología de la vida cotidiana*. Península.

Ibarra, L. (2013). "Educar, dialogar y pensar". *Perfiles Educativos*, XXXV(141) 167-185. https://www.scielo.org.mx/pdf/peredu/v35n141/v35n141a11.pdf

Ibarra, L. R. (2026). Student's Social Representations of Science. *MENTOR revista de investigación educativa y deportiva*, *5*(1), 137-153. https://doi.org/10.56200/mentor.v5i1.12399

Kobeaga, L. (2025). Psicologización de la ultraderecha como mecanismo ideológico de individualización y despolitización de la violencia del Estado capitalista. *Teoría y crítica de la psicología*, (24)11. https://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/article/view/521

Marx, C. y Engels, F.(1978). *Manifiesto del Partido Comunista*. Progreso.

Marx, C. y Engels, F. (1979). *La ideología alemana*. Cultura Popular.

Otero, M. H. (compiló) (1979). *Ideología y ciencias sociales*. UNAM.

Pansza, M., Pérez, C. y Moran, P. (1993). *Fundamentación de la didáctica*. Gernika.

Roa, M., Herrera, A. J., y Suárez, E. S. (2026). Interdependencia en el Antropoceno: crisis epistémica, sistemas dinámicos y descolonización del conocimiento en América Latina. *La complejidad y sus visos*, REDALC, 61-91. *https://redalc.uda.cl/wp-content/uploads/2026/05/La-complejidad-y-sus-visos-2-1.pdf#page=61*

Snyders, G. (1972). *Pedagogía progresista*. Marova-Fax.

Weber, M. (1991). *El político y el científico*. La Red de Jonás.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Jesús Rivas Gutiérrez

Pregrado: Licenciatura en Odontologia, egresado de la Universidad Nacional Autonoma de Mexico (UNAM). Diplomado en Investigacion Educativa por la Universidad Autonoma de Zacatecas (UAZ). Especialidad: Docencia Superior por la Universidad Autonoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Maestria en Ciencias de la Educacion por la Universidad Autonoma de Zacatecas (UAZ). Posgrado: Doctor en Ciencias de la Educacion por la Universidad Autonoma Benito Juarez de Oaxaca (UABJO).

Docente de base de tiempo completo por mas de 35 anos en la Universidad Autonoma de Zacatecas en la Unidad Academica de Odontologia y la Unidad Academica de Docencia Superior (UAO/UAZ – UADS/UAZ). Docente invitado en la Maestria en Docencia e Investigacion Juridica de la Unidad Academica de Derecho de la Universidad Autonoma de Zacatecas (UAD/UAZ).

Docente invitado en el Doctorado de Farmacologia de la Unidad Academica de Medicina Humana de la Universidad Autonoma de Zacatecas (UAMH/UAZ). Ponente en eventos academicos locales, regionales, nacionales e internacionales con tematicas sobre odontologia, educacion, ensenanza-aprendizaje, practica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluacion y reestructuracion curriculares entre otros temas.

Autor de diversos libros, capitulos de libro y articulos en revistas nacionales e internacionales sobre odontologia, educacion, ensenanza aprendizaje, practica docente, medio ambiente, sustentabilidad, representaciones sociales, evaluacion y reestructuraciones curriculares entre otros temas.

Director de la Unidad Academica de Odontologia de la Universidad Autonoma de Zacatecas, periodo 2008-2012. Responsable Academico de la Licenciatura de Medico Cirujano Dentista de la Unidad Academica de Odontologia de la Universidad Autonoma de Zacatecas, periodo 2004-2008. Coordinador de Acreditaciones de la Unidad Academica de Odontologia de la Universidad Autonoma de Zacatecas, periodo 2016-2021.

Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7223-4437

Christian Starlight Franco Trejo

Médica Cirujana Dentista por la Unidad Académica de Odontología de la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Maestra en Ciencias de la Salud con Especialidad en Salud Pública por la Universidad Autónoma de Zacatecas (UAZ). Doctora en Investigación Educativa por la Normal Superior de Ciudad Madero, Tamaulipas. Diplomada en “El derecho

a la educación en las unidades médicas" por la Universidad Veracruzana. Certificada en Odontología por la Federación Dental Iberoamericana.

Docente-investigadora de la Maestría en Ciencias de la Salud con Especialidad en Salud Pública de la Unidad Académica de Medicina Humana de la Universidad Autónoma de Zacatecas desde 2006. Responsable del Programa de Maestría en Ciencias de la Salud con Especialidad en Salud Pública de la Universidad Autónoma de Zacatecas para el periodo 2025-2029. Editora de la revista *Conference Proceedings, Jornadas de Investigación en Odontología*, de la UAO/UAZ, desde 2021. Integrante del Comité de Investigación de la UAO/UAZ desde 2023 y vocal del Consejo Nacional de Cuerpos Académicos de Odontología (CONACAO) desde 2022.

Integrante desde 2016 y líder del Cuerpo Académico Consolidado UAZ-CA-36 "Vigilancia Epidemiológica en el Grupo Social Familia". Cuenta con Perfil PRODEP desde 2013, con vigencia hasta 2029, y fue candidata al Sistema Nacional de Investigadores durante el periodo 2023-2026.

Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4250-5483

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abidos 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 186
Abolicionismo 70
Acuifero Guarani 1, 2, 4, 5, 7, 8, 9
Adolescencia 86, 90, 106
Agroecologia 48, 49, 52, 55
Agua 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 24, 28, 31, 32, 35, 36, 52, 53, 57, 58, 61, 62, 65, 66, 68, 108, 207, 208, 209, 213, 216, 219
Aguacate 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20, 21, 23, 26, 29, 33, 34, 37
Alfabetización física 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158
Al-Madina District 38, 40, 44
Amor 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 217, 218, 219
Aprendizaje cognitivo-motriz 150, 152, 155
Arqueología 176, 177, 179, 182, 185, 188, 190, 198

B

Biología cultural 200, 202, 203, 204, 207
Buen vivir 200, 202, 208

C

Cannabis 48
Ciencia 56, 67, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 149, 198, 200, 203, 214
Científico 67, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 131, 134, 135, 142
Comercio internacional 7, 9, 10, 14, 20, 31
Convivencia escolar 106, 108, 111, 115, 118, 119
Cuidado 58, 62, 81, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 145, 152, 200, 201, 202, 203, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 218

D

Debido proceso 21, 98, 101
Dendera 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199
Derecho ambiental 10, 14, 24
Desarrollo integral 108, 112, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159

Desenvolvimento sustentável 48, 49, 51, 52, 53, 54
Design history 160
Direitos das Mulheres 70, 71
Discriminación 66, 86, 88, 90, 94, 95, 96, 112
Downtown Amman 38, 41, 43, 44, 45

E

Educación en ingeniería 137
Educación Física 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159
Educar 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 136
Egiptología 176
Epigrafía 176, 178, 179
Estados Unidos 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 29, 32, 35, 36, 73, 111, 112
Ética profesional 137, 143, 145
Exploração sexual 70, 74, 75, 76, 80, 85

F

Falsas denuncias 98, 99, 100, 102
Feminismo 70, 149

G

Garantías constitucionales 98, 101, 102, 104
GOST 3489 160, 161, 162, 163, 164, 166, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175

H

Harsomtus 188, 189, 190, 191, 194, 196, 197, 198, 199
Heritage conservation 38
Hortas urbanas 48, 51
Humanizar 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 133, 134, 135

I

Inclusión 114, 115, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 147, 148
Inovação 48, 49, 51, 52, 53, 54
Inteligencia artificial 20, 137, 139, 141, 142, 143, 144
Interculturalidad 113, 200, 201, 203
Investigación criminal 98, 99, 100, 101

L

LEED for Cities and Communities 38, 39, 40, 42, 46

M

Maternidad 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97
Mediación escolar 106, 109, 110, 114, 115, 117, 118
Michoacán 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 29, 34, 35, 36, 37

N

Normalización de la violencia 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 117

O

OST-1337 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

P

Participación comunitaria 56, 57, 58, 67
Paternidad 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96
Pedagogía del movimiento 150, 154
Perspectiva de género 89, 99, 137
Postpandemia 106
Presunción de inocencia 98, 101, 104
Programa social 57, 61
Prostituição 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85
Prueba penal 98
Pseudoarqueología 179, 183, 185, 188

R

Reflexividad 137, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148
Religión egipcia 188, 191
Resistencia 87, 92, 117, 118, 155, 200, 202, 203, 207, 208, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 219

S

Segurança alimentar 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55
Socializar 120, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 134, 135
Sostenibilidad 10, 13, 16, 28, 30, 34, 68, 137, 139, 140, 141, 146, 147, 148, 149

Soviet type standardization 160, 161, 162, 165, 168
Sudamerica 1, 9
Sustainable redevelopment 38
Sustentabilidad 22, 24, 25, 32, 33, 36, 54, 57, 68, 69, 140

T

Tecnología antigua 176, 177
T-MEC 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 23, 26, 30, 33, 34, 35
Typographic history 160, 173

U

Urban strategic framework 38

V

Violencia 86, 88, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 132, 133, 136, 137, 139, 147
Violencia de género 98, 99, 101, 103, 104, 137
Violencia laboral 86, 93
Visibilización 106, 110, 148
Visual infrastructure 160, 162, 163, 164, 174



EDITORA ARTEMIS
2026